

GEOLINGUÍSTICA BRASILEIRA E PLURIDIMENSIONALIDADE: UMA APRESENTAÇÃO

Há quase seis décadas, as pesquisas geolinguísticas no Brasil têm alcançado importantes avanços, seja pela realização dos denominados atlas linguísticos, seja pelo profícuo avanço nos fundamentos teórico-metodológicos nas pesquisas dialetais, o que tem despertado a atenção de estudiosos brasileiros e estrangeiros. Desde seu início, em 1963, com a obra inaugural *Atlas Prévio dos Falares Baianos*, de Nelson Rossi e suas colaboradoras, a Geolinguística no Brasil tomou seu próprio rumo, distanciando-se da tradicional geografia linguística, eminentemente diatópica, adentrando os “veios sociolinguísticos” (CARDOSO, 2010), com obras que recobrem diferentes espaços geográficos, grupos étnicos, contato entre línguas, numa perspectiva pluridimensional, contatual e relacional (THUN, 1998).

Este número temático da revista *Working Papers em Linguística* apresenta ao público uma amostra dos trabalhos desenvolvidos no país, bem como avanços de ordem teórico-metodológica da Geolinguística brasileira. Ao todo, além dessa apresentação, constam desse volume uma entrevista com o pesquisador alemão Harald Thun, da Universidade de Kiel (Alemanha), e 15 artigos que recobrem diferentes temas, com análise de *corpus* e cartas linguísticas de atlas e/ou projetos de atlas linguísticos, englobando estudos de natureza fonética, prosódica e semântico-lexical, além de artigos de revisão da literatura na área da Dialetoлогия.

Como abertura desse Dossiê, temos uma primorosa entrevista realizada por Marcelo Jacó Krug e Cristiane Horst com o professor Harald Thun, criador da *Dialetoлогия Pluridimensional e Relacional*. A entrevista, de modo objetivo, elucida questões sobre os aspectos teórico-metodológicos da teoria que por vezes são tratados de forma rápida nos textos de Thun, além de contribuir com comentários do estudioso sobre o modelo de cartografia linguística pluridimensional em cruz.

Na sequência, no primeiro artigo, Romário Duarte Sanches, com o texto *Da Dialetoлогия Geral à Dialetoлогия Contatual*, apresenta comentários sobre os avanços e desdobramentos da Dialetoлогия Geral (DG), que engloba várias vertentes, podendo-se mencionar a Dialetoлогия Medieval/Filológica, a Dialetoлогия Estrutural, a Dialetoлогия Gerativa, a Dialetoлогия Social, a Dialetoлогия Perceptual, a Dialetoлогия Contatual e a Dialetoлогия Computacional. O autor aponta que no Brasil a Dialetoлогия Social é a mais aplicada; porém, constata-se aumento gradativo de pesquisas voltadas para a Dialetoлогия Contatual, sustentadas pelo modelo de Dialetoлогия Pluridimensional e Relacional, fundada por Thun (1998).

Dando prosseguimento à discussão, Valeska Gracioso Carlos, no texto *Geolinguística: desafios da metodologia pluridimensional*, apresenta reflexões sobre o modelo teórico-metodológico de Thun (1998) a partir de uma pesquisa realizada *in loco* na fronteira entre o Brasil e o Paraguai. O texto traz apontamentos sobre os alcances e limitações desse modelo teórico-metodológico que foi adotado em sua pesquisa, recobrando oito dimensões da variação linguística.

O terceiro artigo do Dossiê, de autoria de Antonio Luiz Gubert e Vanderci de Andrade Aguilera, intitulado *Contribuições de Silva Neto (1957) para os estudos dialetológicos em Santa Catarina*, também de caráter teórico e da revisão da literatura, informa ao público a importância do ilustre filólogo do século passado, Serafim da Silva Neto, na formação de uma mentalidade dialetológica entre os brasileiros e, principalmente, a importância da sua obra para o desenvolvimento de pesquisas dialetológicas no Estado de Santa Catarina.

Em seguida, mais detidamente em informações sobre atlas linguísticos, Daniela Barreiro Claro, Josane Moreira de Oliveira e Marcela Moura Torres Paim, pesquisadoras do Projeto Atlas Linguístico do Brasil, trazem notícias sobre o desenvolvimento de um sistema para informatização *corpus* do atlas nacional. No texto, *ALiBWeb: estado da arte e perspectivas futuras*, as autoras apresentam o sistema que está em desenvolvimento e permitirá a organização dos dados e sua inserção no banco de dados de consulta *on-line*, facilitando o seu armazenamento e, principalmente, disponibilizando-os com maior segurança, para que possam servir de base para análises linguísticas de dados orais de natureza geolinguística.

Na esteira dos atlas pluridimensionais, Iara Maria Teles, Abdelhak Razky e Diego Coimbra apresentam informações sobre o Atlas Linguístico de Rondônia com o texto *Estado da arte do Projeto Atlas Linguístico de Rondônia*. Os autores avançam com o desenvolvimento do atlas apresentando modelos de cartografia linguística já desenvolvida, além de análise sobre dois aspectos fonéticos: as vogais médias anterior /e/ e posterior /o/ em posição pretônica e a consoante /S/ em coda silábica interna. Os resultados, apresentados em cartas linguísticas e em tabelas com dados quantitativos, apontam para uma variação fonética relevante do ponto de vista geossociolinguístico.

Com dados do Projeto AMPER-POR (Atlas Multimídia Prosódico das Línguas Românicas – Língua Portuguesa), Izabel Christine Seara e Lurdes de Castro Moutinho fazem a comparação de dados entre o português do Brasil e o dos Açores no texto *Da ilha do Pico (nos Açores, Portugal) à ilha do Desterro (Atual Florianópolis no Brasil): aspectos prosódico-entonacionais*. As autoras analisam e comparam dados orais das duas comunidades, averiguando semelhanças e diferenças entre o bairro Lagoa da Conceição (Florianópolis) e as outras comunidades açorianas de Florianópolis, principalmente para os núcleos entonacionais formados por paroxítonas e proparoxítonas, em comparação com os dados de Madalena do Pico e demais localidades da ilha do Arquipélago dos Açores.

Com base em dados de dois atlas linguísticos, um rural – o Atlas Linguístico do Paraná – e outro urbano – o Atlas Linguístico do Brasil –, Fabiane Cristina Altino discute a *Varição linguística no Paraná: vogais médias no ALPR e ALIB/PR*. A partir de uma cartografia experimental para o ALiB, referente aos dados paranaenses, e uma recartografia de dados do ALPR I e II, a autora discute áreas fonéticas no território, atestando que aspectos da colonização apontam para a possibilidade da diversidade linguística no estado.

O oitavo artigo deste Dossiê, *Tecendo a história do léxico da língua portuguesa no Brasil com os fios das telas dos atlas linguísticos*, de autoria de Vanderci de Andrade Aguilera e Hélen Cristina da Silva, apresenta a análise de cartas de 12 atlas linguísticos estaduais com foco em demonstrar, por meio dessas cartas, a contribuição das várias etnias na formação do português brasileiro (PB), atestando que, dentre outras questões, os dados apontam, de um lado, a disseminação e o fortalecimento de formas do português culto e, de outro, a gradativa perda dos traços das línguas que o compuseram.

No texto *Designações para a “parte do corpo da mãe com que ela amamenta os filhos”*: um estudo geossociolinguístico e léxico-semântico em Mato Grosso do Sul (MS), Suzana Vinícia Mancilla Barreda, Daniel Abud Marques Robbin e Regiane Coelho Pereira Reis fazem uma análise de caráter léxico-semântico com vistas a discutir questões atinentes a tabus linguísticos em localidades pesquisadas pelo Projeto ALiB no estado de Mato Grosso do Sul, e também discussões sobre a variação diatópica, diasssexual e diageracional no *corpus* analisado.

Laís Lara Botelho, Daniela de Souza Silva Costa, Valeska Gracioso Carlos, no texto *Estudos alibianos em Mato Grosso: os nomes para prostituta*, trazem à tona a discussão de uma questão polimórfica do questionário Semântico-Lexical do Projeto ALiB, a de número 142 – que trata dos designativos para “a mulher que se vende para qualquer homem”. Pautando-se em dados coletados pela equipe do Projeto em nove localidades do estado do Mato Grosso, onde foram documentadas 25 variantes lexicais, as autoras atestaram que questões extralinguísticas se refletem no léxico em uso pela comunidade, ratificando a importância das pesquisas geolinguísticas para a documentação e a disseminação da realidade linguística mato-grossense.

Para discutir a divisão dialetal proposta por Antenor Nascentes (1922/1953), Leandro Almeida dos Santos e Silvana Soares Costa Ribeiro apresentam o texto *De norte a sul, as áreas dialetais do Brasil: jogando “bolinha de gude”*. A partir do levantamento bibliográfico das pesquisas já realizadas com o *corpus* do ALiB nas diferentes regiões brasileiras, sob uma perspectiva comparativa, os autores ressaltam que a análise possibilitou realizar o registro e a documentação da diversidade lexical do português falado em diversas regiões do país, além de trazer notícias sobre a configuração dialetal brasileira, com base no item lexical em análise.

Seguindo esse mesmo caminho, com vistas a traçar áreas e limites linguísticos, Amanda Chofard, no texto *O ‘picadinho’ do Norte e o ‘guisado’ do Sul: uma análise diatópica com os dados do ALiB nos extremos do Brasil*, também se pauta nos dados do Projeto ALiB com a finalidade de descrever e analisar, nas duas regiões investigadas, as diferentes formas lexicais para nomear a *carne moída*, identificando possíveis isoléxicas. Os dados demonstraram que há uma variante em comum mais usada tanto pelos nortistas quanto sulistas e que, entre outros aspectos, há variantes que apontam para áreas dialetais específicas em cada região.

Ainda com base no *corpus* do ALiB em comparação com dados cartografados pelo Atlas Linguístico Topodinâmico e Topoestático do Tocantins (ALiTETTO), o texto de Vanessa Yida e

Greize Alves da Silva – *Designações para curau/canjica sem coco e a transição entre os falares nortista, nordestino e centroestino: uma comparação entre os dados do ALiB e do ALiTETTO* – acrescenta ao Dossiê uma discussão sobre a realidade linguística do estado de Tocantins, que apresenta um comportamento dialetal distinto, singularizado em comparação ao conjunto das regiões analisadas, possivelmente resultante da constituição da população, revelando-se como um atlas linguístico de um estado brasileiro que, de forma bem sucedida, conseguiu aplicar a teoria de Thun (1998) em seu desenvolvimento e cartografiação.

Os dois últimos textos do Dossiê referem-se à análise de cartas de três atlas linguísticos. Assim, Edmilson José de Sá empreende um *Estudo de itens lexicais pertencentes à fauna nos Atlas Linguísticos de Alagoas e Pernambuco: em busca de convergências*. O artigo trata da análise de cartas de ambos os atlas estaduais, o que permitiu identificar variantes lexicais que caracterizam a norma lexical das regiões investigadas, com acepções regionalistas provenientes da cultura e das crenças dos falantes, cujos valores são transmitidos, conservados e desenvolvidos pela língua materna.

Por fim, Selmo Ribeiro Figueiredo Junior, com o texto *Como se chama um rio pequeno, estreito, de uns dois metros de largura no interior paulista*, apresenta uma análise de uma carta linguística do *Atlas linguístico pluridimensional do português paulista*, fazendo considerações sobre os designativos para o referente e discutindo a variação diatópica, diastrática, diagenérica e dia-geracional.

Com satisfação, portanto, apresentamos aos leitores este Dossiê da revista *Working Papers em Linguística* que, pela amostra de trabalhos publicados, evidencia o quão é profícua a Geolinguística Brasileira. Essa coletânea de textos constitui-se. Assim, como mais um material de referência na área, visto que inclui, de forma sintética e sistematizada, diferentes pesquisas desenvolvidas no país. Desejamos uma excelente leitura!

Valter Pereira Romano
Felício Wessling Margotti
(Organizadores)